

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça — Desenho de Nogueira da Silva

I

O VOTO

Quando os portuguezes, ébrios de gloria, alçaram no proprio campo da batalha por seu primeiro rei o vencedor de Ourique, commetteram ao illustre dynasta ardua e espinhosa missão.

Fundar um reino encravado em terras inimigas, ameaçando-o de um lado os ciumes e invejas de recem-extincta suzerania, e do outro o odio de um povo a quem a differença de religião e o apêgo ao solo conquistado por seus maiores fizeram inimigos irreconciliaveis da fé christã e do nome portuguez; fundar um reino sob taes condições, e dentro de limites apertadissimos, foi por certo uma empreza audaciosa, quasi temeraria.

Acceitando as insignias da realeza, D. Affonso Henriques comprehendeu todo o alcance do encargo que tomava sobre seus hombros; e desde então só cogitou em alargar com a ponta da espada as raias da nascente monarchia, até lhe dar por fronteiras ao occidente as praias do Oceano.

Joven e ambicioso, excitado pelo amor da gloria, e pelo desejo da propagação da fé, mede todos os obstaculos pela força da sua vontade.

O solo, onde sonha conquistas, é eriçado de castellos bem guarnecidos, e entre essas fortalezas levantam-se duas praças de guerra, que a natureza e os homens pareciam ter feito de commum accordo para zombarem de quaesquer inimigos, que ousassem affrontal-as. Mas nada quebra ou entibia o animo do moço rei. *Avante* é a palavra que exprime e consubstancia os seus mais queridos pensamentos; é a palavra que está sempre prompta para lhe saír dos labios, e prompta sempre para lhe guiar o braço.

Santarem e Lisboa eram as duas cabeças orgulhosas de toda a moirama da Estremadura, e D. Affonso Henriques jurára fazel-as curvar e render ante o pavilhão das quinas.

Eil-o pois saindo de Coimbra, corte, e quasi extremo dos seus estados, á frente não de numeroso exercito, porque o não tem, excepto se armasse todo o seu povo, mas de uma cohorte aguerrida, apenas um punhado de valentes escolhidos entre os mais denodados.

D. Affonso confiava muito, muitissimo, no valor de seu braço, na bravura dos que o seguiam, e na estrella que até alli o conduzira á victoria; mas crendo que a empreza em que ia empenhado era superior ao esforço humano, voltou-se para Deus a pedir-lhe auxi-

lio, e soccorreu-se aos santos para que intercedessem em favor de uma causa, em que iam interessadas a honra e sorte de Portugal e o nome e gloria de Jesus Christo.

Dizem as nossas velhas chronicas, que fazendo alto a hoste portugueza na *serra de Albardos*, D. Affonso Henriques fizera voto solemne a S. Bernardo, caso lhe doasse a posse de Santarem, de lhe doar e aos seus monges *todas as terras que avistava d'aquelles montes, aguas vertentes ao mar.* [1]

Caíu em fim Santarem. Apesar da elevação e grossura das suas muralhas, e das rochas inaccessiveis que em parte lhe servem de base, e não obstante tambem seus numerosos e esforçados defensores, o sagrado emblema da redempção campeou victorioso sobre o crescente musulmano.

O vencedor desobrigou-se do voto com a lealdade de um christão, e com a munificencia de um rei. Passado pouco tempo aquelles vastissimos terrenos, campinas e montes, que elle avistára da serra de Albardos, estendendo-se a seus pés para todos os lados que os olhos podiam relancear até se irem banhar no mar, pertenciam aos filhos de S. Bernardo, e constituiam o importante e celebre feudo, ao diante conhecido pelo nome de *Coutos de Alcobaça*. E no meio d'aquelle immenso e rico patrimonio erigiu D. Affonso Henriques para habitação dos ditos monges um mosteiro de tão largas proporções, que foi o mais grandioso edificio construido em Portugal durante o seu reinado.

II

FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

Um valle estreito, mas delicioso e fertilissimo, porque o cortam e regam dois rios, o *Coa* ou *Alcóa* como os moiros lhe chamavam, e o *Baça*, não caudaes, porém abundantes de agua ainda mesmo no verão, foi o logar escolhido para assento do edificio que devia commemorar, de envolta com a piedade religiosa do nosso primeiro rei, um dos maiores feitos de armas d'aquella edade.

Celebrou-se a ceremonia da fundação com a pompa que comportavam esses tempos de vida frugal e de costumess ingelos, em que a devoção e o acatamento substituiam nas funcções da egreja e nas solemnidades da corte o fausto e apparato que ora vemos na casa de Deus e nos paços dos reis.

No dia 2 de fevereiro de 1148, estando presente el-rei com toda a sua corte e varios prelados, adiantou-se D. Affonso Henriques para o logar onde devia ficar a capella-mór da egreja, e com uma enxada que levava começou a cavar, e enchendo uma ceira de terra, lançou-a aos hombros, e foi despejal-a d'alli a alguns passos. Seguiu-se a el-rei seu irmão, D. Pedro Affonso, praticando a mesma ceremonia, e após elle foram indo todas as pessoas principaes, segundo a jerarchia de cada um.

A julgar por algumas construcções, posto que raras, que nos restam da epocha de D. Affonso Henriques, ajuizar-se-ha desfavoravelmente da grandeza e magnificencia da fabrica primitiva do mosteiro. Entretanto será forçoso modificar em parte esse juizo.

Não podia o edificio ter magnificencia, senão a relativa áquella era, pois que as artes achavam-se então em Portugal n'um estado de completa barbaridade.

Eram poucos os artistas e tão imperfeitos nas suas obras, que quando se procedia a alguma edificação mais consideravel, e por este titulo entenda-se templo ou fortaleza, era mister quasi sempre recorrer á pericia dos architectos e esculptores arabes, um pouco mais adiantados que os nossos. Posto que as boas artes, por diversas razões, não florecessem tanto entre os moiros de Portugal como entre seus irmãos de Hespanha, todavia essa civilisação que brilhou com tamanho fulgor em Sevilha, Granada, Cordova e outras cidades da Andaluzia, irradiava alguns raios da sua luz para a raça musulmana que habitava este canto da peninsula.

Quanto a grandeza de proporções podêmos acreditar que a tinha o mosteiro de D. Affonso Henriques, pois que não bastou o longo reinado d'este soberano, nem o de seu filho, para se concluir a egreja, e fazer habitavel o mosteiro. Chegou-se a este resultado em 1222, penultimo anno do reinado de D. Affonso II, neto do fundador. No anno seguinte tomaram posse do mosteiro os religiosos de S. Bernardo, deixando o conventinho provisorio de *Santa Maria a velha*, onde os estabelecêra D. Affonso Henriques sob o governo de Ranulpho, seu primeiro abbade, enviado de França pelo proprio S. Bernardo.

Dando os devidos descontos á escassez de artifices, e aos obstaculos e morosidade, que forçosamente deveriam trazer ao andamento das obras as guerras continuas d'aquelles tres reinados, ainda fica bastante fundamento para nos convencer da vastidão do edificio, que levou 74 annos a construir, apesar do empenho e diligencia que os ditos monarchas poriam em o acabar promptamente, como é bem natural de suppôr.

Os camponezes que viviam dispersos pelos montes e valles em derredor do mosteiro, não tardaram em se acercarem da casa de oração, buscando á sombra dos seus muros abrigo e protecção contra as correrias de inimigos, e contra as prepotencias dos poderosos. Assim começou e cresceu a povoação, que tira o seu nome de Alcobaça dos dois rios *Alcóa e Baça*, em cujas margens está sentada.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Este facto, que os chronistas da ordem de Cister referem como verdadeiro, é todavia contestado ou posto em duvida por outros nossos escriptores.

FERNÃO DE MAGALHÃES

I

Está ainda por escrever uma grande e gloriosissima historia nacional. Não é apenas a averiguação minuciosa de todas as particularidades da fundação da monarchia. Não é a amplificação rhetorica dos recontros que no occidente da peninsula tiveram nossos maiores com os sectarios do propheta; não é a narrativa das intrigas cortesãs, nem a lenda das guerras civis, nem mesmo a critica das instituições municipaes, que tenderam a lançar no solo portuguêz as primeiras sementes da liberdade e a assegurar as immunidades populares contra a oppressão dos nobres ou contra as invasões da monarchia absoluta.

Estas investigações, posto que uteis e necessarias, resumem a historia domestica de um povo, ainda segregado em grande parte da civilisação geral, ainda não activo e grande collaborador nos progressos da humanidade. São a monographia de um orgão, a analyse de um tecido que pertence a um organismo consideravel cujas funcções e cuja evolução não póde ser comprehendida em quanto o historiador, erguendo-se a mais altas regiões, não estudar as relações da sua patria com a civilisação christã, com a civilisação universal.

A historia de Portugal começa com as primeiras expedições e conquistas africanas. É desde então que esta orla occidental da peninsula hispanica começa a inscrever o seu nome entre as nações cultas. Até então é uma provincia de Hespanha, que por uma longa elaboração se emancipa da coroa castelhana. D'alli por diante, é uma nação varonil, que justifica por

actos de arrojada iniciativa a sua propria autonomia. Até ao principio das conquistas é uma familia quasi esquecida e ignorada pela Europa no seu ultimo occidente. D'alli por diante a familia, a tribu, eil-a tornada em povo e em nação. A provincia, que sacode o jugo da mãe-patria, é já imperio, é já povo, é já efficaz e fecunda participação nos grandes acontecimentos que transformam a face do mundo e inauguram solemnemente a moderna civilisação.

Portugal é hoje nação, não porque conquistou aos arabes á ponta da sua lança estes territorios extremos da peninsula, não porque, por um acto de feliz insurreição, quebrou as cadeias que o prendiam á velha monarchia de Pelayo, não porque soube em guerras diuturnas firmar o pavilhão das quinas contra as invasões de seus visinhos, mas porque fez d'esta bandeira gloriosa, não sómente a insignia de uma patria, mas o emblema de uma nova civilisação.

A formação de estados independentes e soberanos no meio da Europa christã, é o facto vulgar da edade media. Da dissolução do imperio dos Cesares nasce a divisão das regiões, outr'ora submettidas ás aguias imperiaes. O regimen feudal é a consequencia necessaria da falta de um principio commum, que sirva de liame aos povos romano-barbaros. Os estados compõem-se e decompõem-se, agglomeram-se e disseminam-se successivamente no meio d'esta fermentação moral, em que os povos modernos procuram as condições do seu equilibrio politico. Mais tarde, porém, as nações reconstituem-se; os grandes estados absorvem as nacionalidades ephemeras, e os elementos politicos da Europa moderna agrupam-se em redor dos grandes centros da civilisação.

A França estende o nivel da unidade nacional sobre todos os estados independentes que haviam por muitos seculos retalhado o seu vasto territorio. Poucos estados succedem na Italia á anarchia das republicas e á multiplicidade dos principados. A Navarra e o Aragão prestam os seus brazões para servirem de novas peças ao escudo da monarchia hespanhola.

Das pequenas nacionalidades, erigidas na meia edade, só Portugal consegue atravessar incolume as epochas de transformação social e de reconstituição politica da Europa, intacto quasi inteiramente o territorio em que arvorou uma vez a sua bandeira.

Por que singular privilegio resiste a nossa terra ao movimento geral de assimilação? Porque é ella mais feliz do que o Aragão, do que a Navarra, nas Hespanhas? Do que a Borgonha, a Lorena, e a Bretanha na antiga região das Gallias? Do que a Escocia na gran-Bretanha? Do que a Bohemia e a Hungria na Allemanha? Do que a Noruega na peninsula scandinava?

É predilecção do acaso? ou é decreto da Providencia? É favor da fortuna, ou necessidade da civilisação?

Imagine-se já consolidada apparentemente a monarchia do mestre de Aviz; illustradas as armas portuguezas pela victoria de Aljubarrota; constituida a unidade nacional pela communidade dos sentimentos, dos esforços, dos sacrificios, em que a final se traduz esta generosa abstracção que se chama amor da patria. Supponhamos agora que o rei cavalleiro adormece sobre os louros das suas victorias e que a sua irrequieta actividade lhe não aponta para Ceuta, para Tanger, como novos premios de suas novas excursões. Dêmos que sáe malaventurada a primeira expedição ás terras africanas, e que os filhos do rei popular, em vez de scismarem a verdadeira gloria, amollecem os animos e arrefecem os brios na vida effeminada dos saraus e dos festins. Não ha loiros a ceifar nas praças de Marrocos, não ha delicias intellectuaes para o infante D. Henrique nas asperezas do promontorio sacro; não ha cavalleiros que troquem os ocios da casa do infante pelas aventurosas navegações n'esse temeroso Oceano, n'esse *mare tenebrosum* que a phantasia meticulosa dos antigos povoava de tremendas tempestades e de pavorosas apparições. Concedamos que Portugal, sem cobiçar glorias peregrinas em emprezas nunca d'antes nem sonhadas, se aninha no seu recanto do occidente, a deliciar-se como que no seu lar domestico, bem aquecido por um sol vivificador, bem assombrado de suas deliciosas primaveras, bem refrigerado pelas suas auras amenissimas, bem acobertado pelo seu esplendido ceo meridional. Supponhamos que as suas barcas apenas se aventuram á navegação costeira, ou quando muito até aos portos estrangeiros, que lhe demoram mais á mão. Dêmos que se contente com a sua honesta mediania, penduradas na choça ou no castello as armas ainda retinctas no sangue castelhano, com a mão no arado patriarchal, mal cuidando na sua discreta ignorancia, quaes terras vão discorrendo ao longo do Atlantico, quaes caminhos vão dar mais brevemente ás regiões da especiaria, quaes potentados ha lá muito ao longe pela Africa e pela Asia a subjugar pelo terror das armas e pelo prestigio do nome portuguez.

Se assim tivesse acontecido, por ventura havia de ler-se agora na carta da peninsula hispanica — *Portugal, provincia mais occidental da Hespanha*. E lê-se: *Portugal, nação independente e gloriosa por seus feitos*. A terra illustrada pelo mestre de Aviz e por Nuno Alvares não teria conservado o privilegio de independencia com melhor fortuna do que o reino de Aragão ou a esquecida monarchia de Navarra.

Podiam edificar a *Batalha* e o velho monumento de D. João I: esta epopéa cavalleirosa e christã, cinzelada em pedra, não teria assegurado a liberdade portugueza contra a lei providencial que pune pela conquista a obscuridade ou a decadencia das nações.

II

Portugal é nação desde o dia em que saiu a cruzar os mares. Até alli era o colono humilde que lavra ignoto a estreita gleba patrimonial. Desde então foi o cavalleiro da christandade, o obreiro da civilisação. Até então era apenas Portugal. D'alli por diante começou a ser Europa, a ser mundo, a ser heroe, a ser intelligencia, a ser força, a ser luz, a ser liberdade, progresso, gloria e civilisação.

A historia das nações principia e acaba onde ellas começam e terminam a sua participação nas grandes metamorphoses da humanidade. Uma nação não são quatro linhas onduladas traçadas n'um mappa geographico para a separar das outras nações; não é um povo que vive e passa sem deitar de si um brado que se escute além da patria; não é um throno, um governo, um patriciado, uma plebe, uma sociedade que esconde o seu presente entre um passado sem memorias, e um futuro sem aspirações. Por isso a Polonia desappareceu, e as suas resurreições são apenas a rapida tragedia do patriotismo, que lucta desesperado contra a fatalidade. Por isso a Hungria não póde desatar os vinculos onde a estreita a monarchia austriaca. Por isso a Sicilia não póde jámais consolidar a sua nacionalidade independente.

As nações são os orgãos d'este grande todo, que se chama humanidade. Ora não ha orgãos superfluos, estereis, a que não deva corresponder uma funcção. Quando a sua missão expira ou a sua inutilidade é manifesta, a Providencia sentenceia, encarnando na espada do conquistador. É assim que Veneza, a senhora dos mares, agonisa e desapparece, quando os modernos descobrimentos tornam mesquinha e obsoleta a actividade maritima e mercantil da republica do Adriatico. É assim que a aventurosa Carthago, ultima representante da civilisação phenicia, empallidece e cáe prostrada finalmente aos pés do povo vencedor,

que é chamado a dilatar por mais remotas regiões a conquista e a civilisação. É assim que as nações americanas cáem, deixando apenas a memoria dos seus nomes e o reflexo dos seus feitos. É assim que n'este portentoso turbilhão, que se chama a historia da humanidade, a cidade de hoje será a necropoles do dia seguinte, o monumento de hoje ministrará as pedras ao monumento de ámanhã, a columna gentilica será o pedestal da estatua de S. Pedro, e a pyramide de Cheops dará sombra ao mameluko e ao fellah.

Está ainda por escrever a verdadeira historia nacional: ao mesmo tempo historia do povo portuguez, e capitulo eloquente e memoravel da historia da civilisação. É a historia do genio portuguez, a historia da sua collaboração na grande obra do progresso pelas suas arrojadas navegações e pelas suas conquistas, se bem que ephemeras, não menos providencialmente destinadas.

O que faz dos *Lusiadas* um poema venerado no mundo, não é a belleza dos episodios ou colorido das descripções. Não é a figura tremenda de Adamastor, ou o vulto sympathico de Ignez; não é a amenidade paradisiaca da ilha dos Amores, nem a ficção risonha das sereias, que impellem docemente as naus portuguezas na solidão do Oceano. É que o assumpto é de toda a christandade, porque é a inauguração solemne da moderna civilisação. Vasco da Gama não tem patria. É da Europa toda, e de todo o mundo civilisado. Os homens que iniciam uma grande transformação na humanidade tiveram o berço n'uma paria limitada, mas a posteridade agradecida inscreve-os solemnemente como proceres no livro de oiro da republica universal. Vasco da Gama pertence á mesma patria que tem por cidadãos a Colombo, a Newton, a Galileu, a Raphael, a Watt, a Galvani, a todos estes espiritos illuminados, que Deus despede de si a espaços, como raios de luz sobrenatural, para doirar as trevas da humanidade.

É no cyclo das nossas glorias maritimas, que resplandecem os nomes mais illustres da historia nacional. É desde estes tempos, que os nomes portuguezes começaram a ser pronunciados com assombro pela Europa.

Desde os primeiros navegadores que se engolpharam no Oceano em demanda das mais remotas costas africanas até aos derradeiros mareantes, que já na decadencia do nosso esplendor e poderio, ainda legam um nome portuguez a uma ilha ou a um promontorio, novamente descoberto, que de appellidos illustrissimos, que de glorias venerandas, que de varões verdadeiramente benemeritos não só da patria — que é a patria estreito circulo para engastar uma grande gloria — mas benemeritos da civilisação e da humanidade!

D'este numero é illustrissimo entre os mais illustres o nome de Fernão de Magalhães, que hoje representa a nossa estampa.

(Continúa) J. M. Latino Coelho

A MUSA DE ALEMQUER

I

Chegára a Alemquer, e logo d'alli prevenira por carta um amigo da capital para me procurar um necrologio em conta, porque me sentia victima da melancolia de um burro branco, que me trucidára durante a jornada. Eu não sei se o leitor comprehende o burro branco!? a côr da innocencia e da candura porfiando em tornar insinuante este sensato amigo do homem, companheiro discreto de qualquer aventura de estrada, conviva sóbrio que só ama a relva e a palha, amante *não correspondido* de quanta herva se lhe ageita ao dente, e que, para em tudo ser o fiel retrato do amigo da creatura, até acaba sempre por lhe dar coice! A adoração sincera costuma ter o capricho de estimar quem lhe dá cabo da pelle. Lembrem-se de Desdémona, que beija a mão que a apunhala; de Tysbe, que abençôa o amante por quem deixa a vida, aquelle Rodolfo menos branco e mais teimoso ainda que o meu burro; de Adelia, que acceita com gratidão o favor que lhe faz Anthony de metter-lhe uma faca entre duas costellas; de Margarida Gauthier, que não cabe em si de contente de morrer phtysica para obsequiar o pae do amante; e finalmente este auctor, que hoje confia ao prelo as impressões de uma jornada em que aquelle heroe, digno de haver nascido em Cacilhas, e merecedor de uma albarda vermelha, quiz dar-se ares de galan de melodrama deixando-me em dramatica prostração de victima!

Depois das sete legoas de Santa Apolonia ao Carregado nos caminhos de ferro, com uma velocidade que os *couplets* da rua dos Condes tem antes de mim commemorado, desembarquei do comboio das quatro horas da tarde, e por mais que procurasse certo e determinado *cicerone*, que devia esperar-me com um cavallo, não consegui pôr-lhe a vista. O sol ia alto e o resultado de uma reflexão, a que me entreguei, foi a conclusão philosophica de que o *cicerone* não chegára, mas havia de chegar. *Dunque*, um refresco não podia senão concorrer para o doce estado de esperança em que predispunha o espirito, e caminhei para o botequim na direcção de uma limonada auspiciosa. Depois da limonada veiu o charuto; depois do charuto a impaciencia. Fui de novo á cata do *cicerone*, o *cicerone* não apparecia: espalhei a vista pela estrada, andei para diante e para traz durante hora e meia de inquietação, e nada de cicerone. Como o vento principiava a conversar, a noite a vestir-se, e o frio a entrar, pedi a um guarda d'alli que, se désse fé do meu *condottieri*, o encaminhasse a procurar-me na casa de pasto.

— É um homem magro, que traz um cavallo preto: cavallo e homem são da Durruivos.

— Da Durruivos, — acudiu d'alli um maloio de jaqueta no cajado — querem ver que é o João Conde?

— Em pessoa, respondi eu.

— Encontrei-o a Hotta.

— Ah! Ainda bem; visto isso, não póde tardar.

— Encontrei-o a Hotta, mas já ia para a Durruivos!

— D'aqui!

— É o que me disse. Esperava o senhor ás quatro, que era o vapor em que devia vir, e, como não lhe appareceu, abalou.

Fiquei extatico. O meu *cicerone* havia imaginado que se chega á mesma hora que se parte, e, como entrei no comboio das quatro horas em Santa Apolonia, estranhou não me ver desembarcar do comboio ás mesmas quatro horas no Carregado. Tinha razão!

Não havendo diligencia, nem carro de matto, nem cavalgadura para alugar, ia occupar-me em arranjar guarida para ficar essa noite, quando me propozeram ir para Alemquer no carrinho que faz todos os dias o duplo serviço do Carregado áquella villa, e d'essa villa ao Carregado. Como tudo era preferivel a ficar alli, acceitei. Ia eu só no carrinho; o conductor sentava-se na almofada. Seguimos no passo de um abominavel asno branco, a que seu amo atirava de vez em quando uma vardascada descuidosa, que podia passar menos por uma censura que por uma caricia.

O *Coelho*, que tal era o nome do burro, não trocava nunca o sentido d'essa advertencia; assim que se lhe chegava a vardasca, parava subito, podava a relva do sitio, e não se punha de novo a caminho senão á medida da sua phantasia. Esta marcha lenta não me

desagradava; o tempo estava bonito, e eu sentia-me embriagar pelo perfume do tomilho e do matto agreste. Mergulhava-me n'esse scismar vago entre a vigilia e o somno, quando fui despertado violentamente: o *Coelho*, no melhor sitio da estrada, atirára-nos á beira da valla. Saltei do carro, decidido a increpar o conductor; desarmou-me a sua perturbação. Estava diante de mim, de olhos baixos, semblante envergonhado, silencioso, immovel, e enrolando entre os dedos as largas abas do seu chapeo grosseiro. Era um rapazote de vinte annos apenas. Fez-me impressão o modo humilde e meigo que mostrava.

— Felizmente escapámos, mas onde diabo tinha você a cabeça?

Elle ergueu para mim os seus olhos grandes, cheios de lagrimas.

— Vamos lá, acrescentei, não foi um desastre grande; do que se trata agora é de levantar o carro.

Assim que o carro se poz direito nas suas duas rodas:

— O senhor ha de fazer o favor, disse-me depois de um momento de hesitação, de agarrar na vardasca, vir para o meu logar, e seguir sósinho o seu caminho; d'aqui a Alemquer não ha enganar-se, a



Fernão de Magalhães — Pag. 170

estrada é direita como um choupo; logo ha de ver a ponte, e á esquerda as fabricas, a varzea, e as casinhas brancas da villa, que se trepam por ella acima como um guardanapo ao pescoço de uma criança; o *Coelho*, que no fundo do seu coração é um bom bruto, irá parar mesmo á porta da melhor estalagem do sitio, que é a de meu amo. Se lhe perguntarem o que foi feito do José Mauricio...

N'isto interrompeu-se, e vi duas grossas lagrimas rolarem-lhe pelas faces.

— Que lhe hei de eu responder, diga lá?

— Responderá o senhor que para acabar com isto, o José Mauricio atirou-se á valla!

Com estas palavras, fez menção de se afastar para dar execução a tão excellente projecto. Retive-o, e tentei combater essa desesperada resolução.

— Deixe-se d'isso, rapaz; não ha de ser esse o unico partido que lhe reste.

— Mais nenhum. Ha já que tempos que isto dura. Se esperei até hoje, é porque sou um fracalhão; já tinha podido dar um tiro no ouvido, e tenho tido medo. Farto-me de ser desgraçado! Não quero crer que haja na terra creatura de Deus mais digna de lastima, *que a mim!*

Sentára-se na ponte, e chorava, o pobre diabo, com a cabeça encostada á grade.

Tinha ares de bom moço. Cheguei-me a elle, e, com voz affectuosa:

— Dize lá, que te succedeu? Conta-me as tuas penas; não ha mal que não tenha cura!

— Ha oito dias é já a quinta vez, que viro o carro. Dirá a isto: onde tenho a cabeça? — nada sei. Não faço senão asneiras. Assim que saiba que o carro se voltou hoje outra vez, o patrão despede-me tão certo como Deus estar no ceo!

— E como ha de elle sabel-o, se você não lh'o for dizer?

— Vem a dizer n'isso que não me denuncia. Obrigado ao senhor. Mas, como o outro o diz, que ámanhã voltava á mesma, mais vale acabar com isto de uma vez. De mais a mais estou farto da vida até aos olhos, e quero deitar-me á valla!

Não foi sem custo que consegui socegal-o, e fazel-o trepar para a almofada onde me puz ao lado d'elle. Levei-o com geito até ao ponto de me contar a causa do seu desespero. Nem elle desejava senão fallar n'isso.

— É, como se costuma dizer, um caso, senhor. Orphão, sem bens, fui criado em casa do sr. Mattoso, na companhia das suas duas filhas, a mais velha das quaes tinha a minha edade pouco mais ou menos. O sr. Mattoso tinha n'esse tempo e ainda hoje tem a estalagem lá ao cabo da villa; é bom homem, e ainda podia ser melhor se não fôra as folices da mulher, que não se julga pessoa para ter casa de venda; tambem é boa creatura, e a mim não me cabe dizer mal. Ia-lhe dizendo que essa familia me criára com suas filhas; fui como um terceiro filho na casa; tinha o meu talher á mesa do patrão; ao domingo acompanhava a familia á missa, e pela maneira por que ia vestido podiam tomar-me por irmão das meninas. Estavamos sempre juntos. Ambas me queriam muito e eu a ellas; crescemos por esta fórma de-

baixo do mesmo telhado. Nunca se me riscava da idéa que devia tudo aos favores d'aquella gente, e fazia por me tornar util e ganhar os bocados da boca. O sr. Mattoso, tendo-se lembrado de estabelecer um serviço de carro entre a villa e o Carregado, pedi-lhe eu que me empregasse n'esta empreza. Ainda que só tinha doze annos, o patrão consentiu, e posso affirmar que até estes ultimos tempos não teve nunca de que se arrependesse. Quer o senhor creia quer não, ninguem me deitava a barra adiante por estes sitios todos em saltar um regato, descer uma ladeira, e evitar os barrancos. Ha de parecer-lhe peta, mas é como lh'o digo. Tinha nome no sitio pelas minhas artes. Gostavam de mim por ainda ser criança, e quasi todos os passageiros pagavam mais do que os doze vintens de cada logar. Tudo isso já lá vae; não tenho alma para nada! Então é que era ver-me na almofada, com a chibata de marmeleiro na mão, que nem o rei no throno. O *Coelho* tinha azas, e iamos de Alemquer ao Carregado em menos de meia hora. Na volta então, ainda era mais depressa, porque ia com a idéa de encontrar as minhas duas irmãs, que estavam á minha espera, ora na ponte ora na estrada. Assim que nos avistavamos, principiavamos a agitar os lenços no ar. Quando o carro ia vazio, fazia subir ambas para elle, e bem póde julgar da minha alegria ao poder levar assim em triumpho essas duas bellezas. Quando havia festa nos arrabaldes, eu é que as conduzia, e com o fructo das minhas economias comprava-lhes anneis de tartaruga, pinhões e folares. Cuidava gostar de ambas egualmente; entretanto como era mais alegre com a Maria, a mais nova, e me sentia ás vezes contrafeito com a Joanna, pensava entre mim que queria menos á Joanna que á Maria. Pois ha de ver que era engano meu! Um dia vim no conhecimento que era o contrario, e que gostava da Joanna por uma maneira bem diversa por que estimava a irmã. O caso passou-se assim:

Uma noite, era no outono como agora, não encontrei as meninas na estrada: fui seguindo tristemente, sem saber porque. Vae ver agora se eu tinha razão de estar triste ou não. Depois de recolher o carro, e levar o *Coelho* para a cocheira, entrei em casa e logo percebi que havia novidade. A familia toda estava reunida no quarto da patroa. Maria e a mãe no meio da casa, á direita o sr. prior encostando-se ao castão de oiro da sua bengala, e Joanna á esquerda chorando em silencio. O sr. Mattoso girava de um lado para o outro, com ar desgarrado. Quando abri a porta vi tudo isto de relance, e ouvi dizer á patroa: — «É conformar-nos; Deus é que assim o quer!» Fui-me direito á Joanninha; era a primeira vez que a via chorar. Entendi que se tratava de caso serio, peguei-lhe das mãos, e disse-lhe: — Porque estás tu a chorar? Quem te fez mal? Dize-me o nome de quem foi, que o mato! A estas palavras, Joanna rompeu em soluços. Eu estava transtornado, e desde esse momento comprehendi o que me ia cá por dentro no coração. Voltei-me para os que estavam presentes e exclamei: — Isto o que vem a ser? Porque está Joanninha lavada em lagrimas? Soube em fim o que se passára n'esse dia maldito. Primeiro que tudo devo dizer-lhe, meu senhor, que Joanna foi de todo o sempre uma rapariga extraordinaria. Aos dez annos era um poço de sabedoria, e sabia dizer de cór todas as lóas da Senhora da Nazareth, que eram cada anno para mais de quarenta quadras, compostas quasi sempre pelo sr. Malhão. Um Zeferino, que está cá na villa, e costuma ir lá a casa, que foi a modo mestre de dança, e que hoje tem fazendas no sitio por deixa de uma tia que era viuva do administrador, emprestava-lhe livros, livros de casos, de maneira que com as disposições naturaes e o gosto que tinha pela leitura, sabía a moça, e ainda era pequena, mais somma de coisas que muita gente de sessenta annos. Discorria par'ahi a historia como um mestre de meninos, e conhecia tanto a fundo D. Affonso Henriques como eu conheço o Theodoro ferrador, que ainda é meu primo. Junte-lhe a isto que era bonita a desenganar. Os paes não viam outra coisa. O sr. Mattoso esfregava as mãos, e a patróa estalava de soberba, como certa rã, de que a filha por vezes me citava a historia. Póde fazer idéa se por cá se fallava ou não na Joanna; andava ahi na boca de todos, apregoada como uma joia. Vinha gente de toda a parte para a ouvir, para a admirar. Os fidalgos de Tagarro e da Merciana, uns figurões do Cadaval, e gente basta de Villa Franca, que ahi appareceu, disseram que era o que os olhos podiam ver. Que a mim não se me dava; tão sómente, como tudo era dizerem a toda a hora que tinha tanto talento, assustava-me eu, e dizia entre mim que Joanna não havia de durar muito. E não me enganei, meu amo, para mim morreu ella de uma vez.

O pobre rapaz tirou o lenço da algibeira, enxugou os olhos, e proseguiu n'estes termos, passados instantes de silencio:

— Havia na da Gorda, aldeola a quatro legoas de Alemquer, uma fidalga, que tinha sido freira, e que, Deus lhe perdôe, tendo ouvido alluminar muito a Joanna, cresceu-lhe vontade de a conhecer. Levaram-lhe a pequena, que a deixou de queixo caído pelos dotes da sua viveza e da sua formosura. Até aqui vae o caso bem. Mas um dia, esse dia maldito de que lhe fallei, em quanto eu na estrada ia tocando o *Coelho* sem me vir á idéa a desgraça que me ameaçava, veiu a fidalga em pessoa á villa, e entrou na estalagem. O sr. Mattoso estava a servir vinho e queijo branco, a tres carreiros sentados a uma mesa: ao ver no estabelecimento uma senhora com seu chapeo de velludo e todo o mais fato á proporção, o homem, que não estava costumado a visitas d'estas, cuidou que sería por ahi a rainha do Perú que lhe ia beber á tasca. Esteve em termos de se deixar cair por lhe fraquejarem as pernas. Joanna veiu a correr buscal-a, e levou-a para o quarto da patroa. A fidalga para dar razão de si, disse á mãe que a rapariga era um thesouro e que seria culpada para com Deus, se deixasse na obscuridade o rico presente que recebêra do ceo. Pelos modos, ao que depois me contaram, fez alli uma chuva de palavriado, offereceu arrecadar Joanna n'um collegio, e tomar conta d'ella: dito isto retirou-se, deixando a familia n'uma barafunda, de que o senhor fará idéa. Chamaram o prior para o ouvir. Foi o peior golpe para mim, tive de receber aquella sentença de morte. Quiz fallar, mandaram-me calar immediatamente: Joanna chorava e não queria partir; foram inuteis as lagrimas. A soberba dos patrões é que fez tudo. O prior não dizia palavra, e eu ainda quiz ver se o chamava á minha opinião; conservou por muito tempo silencio, e eu estava com esperança n'elle; mas, d'alli a pouco, declarou tambem que era a vontade de Deus. A vontade de Deus se fez! Oito dias depois, Joanna partiu para Lisboa. Na vespera encontrei-a no jardim. Estavamos sós. Approximei-me d'ella, e disse-lhe com uma voz suffocada — «E vae-se! E vae-se embora d'aqui, menina!» Assim que ouviu isto rompeu a chorar, e eu fiz outro tanto. — «Ah! exclamou. Queres retalhar-me de todo o coração!» Caiu nos meus braços; levei-a para um banco de pedra, e ahi sentados um ao pé do outro, com as suas mãos entre as minhas, jurámos amar-nos sempre. Tirou do dedo um annel que lhe dera a fidalga, e obrigou-me a acceital-o em penhor da sua ternura. — Eu nada tenho que te dê, lhe disse eu; nem sequer a minha vida, porque te pertence! No dia seguinte separámo-nos; não tinha de tornar a vêl-a; porque não foi ella que eu vi depois; não, já não é a minha Joanna. Coitado de mim! Da Joanna

que eu conheci, a Joanna que o senhor vae ver nada conserva senão o meu amor!

Depois de haver novamente enxugado os olhos:

— Durou tres annos a sua ausencia, proseguiu. Empreguei esse tempo em me tornar digno d'ella. Não queria que quando voltasse para a terra se envergonhasse da minha ignorancia. Ás noites, depois de deitar a palha ao *Coelho*, ia-me a casa do sr. Zeferino aprender a escrever; depois vinha para casa, e até que horas, — até de manhã ás vezes! — punha-me a ler nos livros que a menina cá deixára: ficava-me tudo na cabeça; como não endoideci, é o que não sei. Não dormia, não comia, quanto vintem apanhava era para comprar livros. De uma vez comprei toda a livraria do Mathias barbeiro; continha vinte e tres folhinhas, e nem uma só do anno corrente. O que eu li de coisas não se póde dizer nem imaginar. Se não fiquei sabio, é porque sou um animal de marca maior!

— A final, exclamei eu, Joanninha voltou?

— Primeiro escreveu. Eu era quem ia ao correio buscar as cartas e trazel-as á mãe, porque á mãe é que ella sempre escrevia. Que cartas, meu amo! Quando trazia alguma, aqui, encostada ao coração, vinha leve como um passaro. Cantava todo o caminho, e parava de bocado em bocado para beijar as letras do sobrescripto. A patrôa lia-as em voz alta, e nós todos em redor d'ella choravamos de admiração a ouvil-a. Quando a mãe fez annos, ha de o sr. crer que ella lhe mandou uns versos que fizera, mettidos n'uma grinalda de flores, pintada tambem pela sua propria mão? Isso os patrões cuidaram morrer de gosto. Versos, grinaldas de rosas! toda a casta de talentos! Mandou-se logo chamar o sr. Zeferino, que entende do que é bom, e leram-lhe a cantiga; o homem disse que estava obra rica, e prometteu compôr uma musica para os versos e mandal-os arranjar á cidade com o nome e retrato da menina. A patrôa deu um abraço no sr. Zeferino, que lhe ia mettendo uma costella dentro. Eu, no meio d'aquillo tudo, estava a modo triste. Recolhi-me cedo, fui para o quintal, e sentei-me no banco de pedra no mesmo sitio em que Joanna me tinha dado o annel. Sem saber porque, puz-me a chorar. Alli fiquei uma boa parte da noite. No dia immediato disse entre mim: — «Já que a Joanna faz versos, tambem eu me quero dar a isso!» e n'esse mesmo dia me deitei á obra; ao principio suei a breca para achar o que o sr. Zeferino chamava rimas; a poder de batalhar, compuz uma moda de cincoenta quadras, que lhe vou dizer a v. s., para ouvir o seu voto.

— Deixemos isso para depois! disse-lhe eu. Vamos a saber, Joanna voltou?

— Uma noite fui buscar uma carta d'ella que annunciava estar para chegar. Tinha acabado a sua educação. Dias depois, voltou, acompanhada pela fidalga, que queria desfructar a sopreza de nós todos. Hei de me lembrar d'isto em quanto for vivo. Era n'um domingo. Ao chegar á villa, vi á porta da estalagem o carro da fidalga. Adivinho que Joanna está de volta, salto abaixo da almofada, levo tudo aos encontrões diante de mim, trepo os degraus a quatro e quatro, abro a porta, precipito-me na sala, e que vejo? Não ha palavras humanas que exprimam o que se passou na minha alma. Era ella, era Joanna! E que bonita, Deus meu! Parei extatico, pallido, assustado, deslumbrado mesmo. Estava eu alli de jaleca, sapatos ferrados, vardasca na mão, diante d'ella que olhava para mim, preparada, mais branca que um lirio, mais deslumbrante que o sol. Percebi que era um pobre diabo de pé descalço, e tive vontade que o chão se sumisse commigo: — «Viva! disse-me ella, sorrindo. Então que faz ahi pasmado? Venha dar-me um abraço, José Mauricio.» Já não me tratava por tu; n'aquella hora, se em vez da vardasca tivesse uma faca na mão, tinha-a cravado no peito. Dirigiu-se para mim, e estendeu-me a mão. — «Coitado do José Mauricio! acrescentou ainda. Como vae o *Coelho*?» Senti-me perdido. Conservava-me immovel como um marco de estrada, de braços caidos, pregado ao sobrado. Ainda quiz fallar, mas não fui capaz. Rolaram-me pela cara abaixo lagrimas do tamanho de balas; o que valeu é que ninguem fez reparo. Passaram-se oito dias, meu amo, oito dias sem eu ser senhor de fallar á menina. Uma noite encontrei-a só no jardim. Estava decidido a fallar-lhe do meu amor, lembrar-lhe os nossos juramentos; mas antes queria lembrar-lhe que era menos indigno d'ella do que talvez cuidasse. Fui cair em lhe fallar das leituras a que me dava durante a sua ausencia, do *Labyrintho de Creta*, da *Historia de Carlos Magno*, e das *Cinco rarissimas novellas sem as letras vogaes;* desatou a rir-se-me nas bochechas; depois como lhe eu fallasse de uma historinha de *Affonso e Virginia*, e ella percebesse que recordando os amores d'essas crianças era como se quizesse lembrar-lhe os nossos, interrompeu-me no meio de uma phrase, e perguntou-me se o *Coelho* ainda tinha um redomoinho de pellos pretos no pescoço. Tive vontade de a esganar. — «Menina, lhe disse depois, quer fazer favor de me ouvir uns versos que compuz em sua intenção em quanto esteve ausente?» — «Que! disse ella. Pois compões versos, José Mauricio! Ora dize lá, que deve ser coisa interessante!» Ainda não acabára a primeira quadra, e já ella estava ás gargalhadas, sem eu ter animo sequer de cantar mais. Quando se fartou de rir, disse-me por esta maneira: — «Agora ouve tu, Mauricio, são versos meus:» e logo largou a dizer, a dizer, que era de enfeitiçar: quando tornei a mim do encanto em que me lançára, tinha desapparecido ella; estava só, inundado de lagrimas. Puz-me a correr pelo jardim. Gritava, suspirava, dava murros no estomago, rebolava-me como um animal selvagem por cima dos alegretes. Chegou-se a mim a Maria e quiz consolar-me; repelli-a raivoso: estava louco. A datar d'essa noite, nunca mais tive um instante de razão perfeita. O que eu soffro, ninguem faz idéa. No inferno os condemnados soffrem menos. Debalde digo a mim mesmo que não devo mais gostar d'ella; quanto mais digo isto, mais gosto. Passo as noites, quasi sempre, no meio das terras; de dia, deixo ir o *Coelho* conforme lhe parece, e vira-se-me o carro em sitios que são como a palma da mão. Repito-lhe, senhor meu amo, não fez bem em não me deixar atirar commigo á agua; é o unico partido razoavel que me resta.

Indo eu a offerecer-lhe as vulgares consolações, que em occurrencias d'estas se administram:

— Ainda não sabe tudo, continuou José Mauricio. A fidalga morreu ultimamente. Bem póde fazer idéa de quanto foi penoso este golpe para a familia do sr. Mattoso! A Joanna ficou sem nada. Que será d'ella agora? Claro está que o logar que lhe compete já não póde ser na estalagem de seu pae. Por cá já se falla de a mandarem para Lisboa. O sr. Zeferino diz que a esperam lá a gloria e a fortuna. Pelos modos, a menina é uma musa; o sr. Zeferino afiança que é a decima; por esta conta, havia nove antes d'ella; todas as noites reunem-se na alcova da patrôa; emquanto Maria e eu servimos os freguezes, por cima das nossas cabeças está a Joanna a ler versos, e a assembléa pasmada de a ouvir. Por pouco tempo que o senhor se demore em Alemquer, sempre ha de ter occasião de assistir a alguma d'estas reuniões; a curiosidade traz cá muita gente, e o senhor não poderia fazer maior fineza ao sr. Mattoso que pedir-lhe para ouvir e admirar a menina.

Uma musa! Olé! Uma musa! ia eu dizendo entre mim uma vez e outra, mais maravilhado do que Ro-

binson Crusoé ao avistar na areia um pé humano. E estás tu bem certo, rapaz, do que tens vindo ahi a dizer-me?!

— Bem certo! Ora essa! Isto é caso tão decidido como a tristeza da minha vida. O sr. Zeferino, que lhe chama musa, é porque tem razões para isso. A menina tem uma lyra; nunca lh'a vi, mas tenho ouvido fallar a esse respeito. Tambem tem uma tripode. Onde ella esconde isto tudo, é que eu não sei; a Maria tambem não sabe. N'outro dia disse-lhe eu por estas palavras: — «Ó menina Joanna, deixa-me ver a sua tripode mais a sua lyra?» Ella voltou-me as costas e chamou-me cabeça de burro.

Não pude esquivar-me a sorrir.

— Ah! Ahi temos Alemquer! Vê aquella rua para lá do largo? Alli é que é. Vae julgar por si proprio da verdade das minhas palavras. Hé, *Coelho*, hé, vá, hé! E deu uma vardascada rija no burro, que, sentindo a casa, zurrou agradavelmente e nos conduziu em menos de um quarto de hora á porta da estalagem.

(Continua) JULIO CESAR MACHADO.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

XI

THEORIA DA AURORA

Os raios de luz que nos esclarecem passam sobre as nossas cabeças antes de nos tocarem; reflectem-se nas particulas do ar para formarem a principio um clarão fraquissimo, que vae augmentando incessantemente, e que principia por annunciar e depois por ser o dia. É este clarão a aurora. A luz decomposta tinge as nuvens e produz as côres brilhantes que precedem o nascer do sol. Foi n'este phenomeno colorido da refracção, que viram os poetas a deusa da manhã. Abre as portas ao dia com dedos côr de rosa, e como filha do ar e do sol tem o seu throno na atmosphera. Se esta atmosphera não existisse, se os raios de luz chegassem até nós em linha recta, a apparição e a desapparição do sol seriam instantaneas; ao grandioso fulgor do dia succeder-se-hia noite profundissima, e trevas as mais espessas viriam immediatamente após claridades vivissimas. A refracção vem por conseguinte a ser util para a terra, não só porque nos deixa gozar alguns momentos mais da presença do sol, mas porque proporcionando-nos os crepusculos prolonga a duração da luz, acontecendo assim, que estão estabelecidas pela natureza gradações successivas, que nos preparam para o prazer, que nos attenuam a dor. Vemos despontar o dia como uma fraca esperança, foge-nos sem que o pensemos, e a luz perde-se como as nossas forças, a saude, os prazeres, a vida se perdem tambem sem o percebermos. — *Bailly* (Astronomia moderna)

XII

O NASCER DO SOL

N'uma tarde formosa dirigi-vos para um sitio, onde o horisonte bem a descoberto deixe ver de todo o sol no poente, e observae então os objectos, que vos hão de fazer reconhecer o sitio em que se esconde. No dia seguinte para respirar a frescura da madrugada ides ao mesmo ponto antes de nascer o sol. Vê-se então este a annunciar-se de longe ainda pelos grandes raios de fogo, que dardeja diante de si. Augmenta o incendio, o oriente parece estar em chammas, pelo brilhantissimo d'estas espera-se pelo astro do dia muito tempo ainda antes d'elle apparecer. Vê-se finalmente. Um ponto brilhante parte como um relampago e quasi immediatamente, pelo espaço todo; o véo das trevas some-se e cáe. Reconheceis o logar onde na vespera havia estado; mas quanto mais formoso agora! A verdura ganhou de noite novo vigor; o dia nascente que a illumina, os primeiros raios de luz que a doiram, mostram-n'a coberta com uma rede brilhante de gotas de orvalho, que reflectem á vista a luz e as côres. As avesinhas em côro reunem-se e saudam com seus concertos o dador da vida; n'este momento de acordar, nem um só se conserva mudo; o seu chilrear, fraco ainda, é mais lento e mais suave do que no decurso do dia. Sente-se a languidez de um despertar socegado. O concurso d'estes objectos todos causa nos sentidos uma impressão de frescura e de viçor que parece penetrar até á alma. Ha meia hora de encantamento, a que ninguem resiste; espectaculo tão grandioso, tão bello, tão cheio de delicias, não deixa ninguem em apathia. — *J. J. Rosseau.* (Emilio, liv. III)

XIII

A NOITE

Tinha-me perdido de noite n'uma floresta a alguma distancia da cataracta do Niagara, quando vi sumir-se o dia quasi de repente, em roda de mim e quando pouco depois se me apresentou o bello espectaculo da noite, nos desertos do novo mundo.

Uma hora depois do pôr do sol mostrou-se a lua, acima das arvores, no horisonte opposto. Uma brisa embalsamada, que a rainha das noites trazia do oriente comsigo parecia precedel-a nas florestas como se fosse o seu meigo bafejo. O astro solitario foi subindo pouco a pouco nos ceos. Umas vezes seguia pacificamente o seu trilho azulado, outras descançava sobre grupos de nuvens, que recordavam as cumiadas das altas montanhas cobertas de neve. Estas nuvens que pareciam colher e soltar as velas alternativamente, desenrolavam-se em zonas diaphanas de setim branco, dispersavam-se tornando-se leves frocos de espuma, ou formavam nos ceos como immensos bancos de algodão alvissimo, e tão suave, tão affeiçoavel á vista, que quasi julgava sentir-lhe a elasticidade e a frouxidão.

Não era menos de arrebatar a scena que se passava na terra. A claridade azulada e abatida da lua descia pelos intervallos do arvoredo, e lançava feixes de luz para a profundidade das trevas mais densas. O regato, que corria a meus pés, ora se perdia nos bosques, ora reapparecia brilhando com as constellações da noite, que reproduzia no seu seio. N'uma vasta e deserta planicie do outro lado do rio dormia sem movimento a claridade da luz deitada nos relvedos; uns abetos agitados pela viração e dispersos formavam ilhas de sombra fluctuantes n'este oceano immenso de luz.

Em roda estaria tudo em silencio e em socego, se não fosse o caír d'algumas folhas, o passar de aragens repentinas, o gemer d'alguma ave nocturna; e ao longe ouvia-se com intervallos os surdos mugidos da cataracta do Niagara, que com a serenidade da noite se prolongavam de deserto em deserto e expiravam nas florestas solitarias.

A grandeza, a espantosa melancolia d'este quadro, não se póde exprimir em lingua de homens; as noites mais formosas da Europa não podem dar-nos idéa que sirva. Debalde procura a nossa imaginação dilatar-se pelos campos cultivados, encontra por toda a parte habitações de homens; mas n'essas regiões selvagens compraz-se a alma mergulhando em oceanos de florestas, pairando sobre os sorvedoiros das cataractas, meditando á beira dos lagos e dos rios, e achando-se, por assim dizer, sósinha perante Deus. — *Chateaubriand.* (Genio do Christianismo)